



★★★★

GONZALEZ BRAVO – OBRA EM PAPEL

Galeria São Mamede, Lisboa, até dia 20

O informal que, para a geração de pintores espanhóis anterior a Gonzalez Bravo (n. Badajoz 1944), foi simultaneamente ponto de chegada e ponto de partida é, para o nosso vizinho da Extremadura espanhola, uma raiz que alimenta toda a sua obra de pintor, cuja permanência vem provando a contínua fecundidade dessa poética, reafirmada por estes trabalhos sobre papel já do corrente ano. Falar de informe ou de não forma é, hoje em dia, quase um disparate; as formas, as mais simples formas, estão presentes nestas pinturas e são quase sempre autojustificativas, ou afirmações de si próprias, ou melhor, outros tantos manifestos da necessidade de pintar e de assumir a pintura como uma luta contra os limites do suporte. Tais limites são tantas vezes reafirmados por meio de traços que lembram: registos de inscrições e escritas, o quadro dentro do quadro, os contornos de uma casa ou de um abrigo, onde a pintura se refugia para existir e para crescer em gris, ou em vermelho e preto, em grave expressividade; simultaneamente acabada de fazer e velha, tão velha como os muros e grafitos que inevitavelmente cita. Caligrafias e gatafunhos — como na obra, aliás bem diferente, de António Sena — sugerem um automatismo que, afinal, não chega a existir, ou, se existe, é mais como uma assinatura, a marca de uma inquietação agitada animando cada trabalho, sempre fechado sobre si próprio quanto ao espaço, e, sempre aberto, no fundo de vibração material que o percorre. Podemos considerar que esta é uma pintura que assume as suas origens e a 'escola' de onde provém, exaltando uma e outra na capacidade contínua em se afirmar como presença de um gesto incansável, esse mesmo que institui a perenidade possível para a pintura.

José Luís Porfírio